

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

III WORKSHOP CIENTÍFICO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO IGc-USP

BOLETIM DE RESUMOS

23 a 25 de abril de 2003
SÃO PAULO

558.1
W926
3.b
e.2

ANÁLISE CLADÍSTICA DOS CONULATAE (CAMBRIANO-TRIÁSSICO): CARACTERIZANDO E DEFININDO O ESCOPO DE UM ENIGMÁTICO GRUPO DE CNIDÁRIOS EXTINTOS

Juliana de Moraes Leme^{1,2} - leme@usp.br

Marcello Guimarães Simões^{2,3} - btsimoes@ibb.unesp.br

O presente trabalho tem como proposta a utilização da metodologia cladística como ferramenta na tentativa de esclarecer as relações de parentesco entre os Conulatae (Cnidaria, Scyphozoa). O estudo está fundamentado na hipótese de que os agrupamentos taxonômicos (famílias, subfamílias), propostos no "Treatise on Invertebrate Paleontology", Part F, Coelenterata, Conulata (Moore & Harrington, 1956), não são inteiramente válidos.

A partir de dados derivados de uma análise cladística preliminar, foi notado que não há consistência nos agrupamentos sugeridos pelas propostas de classificação, demonstrando que os caracteres fenéticos, utilizados para distinção dos grupos de conulários, necessitam ser revisados. De fato, nos últimos anos, houve um enorme avanço no conhecimento morfológico desse grupo de invertebrados e, portanto, as descrições fornecidas por Moore & Harrington (1956) não estão, obviamente, atualizadas.

Desse modo, é nítida a urgência do emprego da metodologia cladística, como base para a revisão sistemática do grupo. A aplicação da teoria cladística para os Conulatae visa: a- esclarecer as relações entre os gêneros (*Anaconularia*, *Archaeoconularia*, *Baccaconularia*, *Calloconularia*, *Climacoconus*, *Conularia*, *Conularina*, *Conulariella*, *Conulariopsis*, *Ctenoconularia*, *Diconularia*, *Emeiconularia*, *Eoconularia*, *Exoconularia*, *Glyptoconularia*, *Mesoconularia*, *Metaconularia*, *Neoconularia*, *Notoconularia*, *Paraconularia*, *Pseudoconularia*, *Reticulaconularia*), que compõem o grupo interno e a determinação de seu escopo; b- resolver questões importantes, tais como, quais são as autapomorfias do grupo (Conulatae) ou, em outras palavras, que caracteres definem esse grupo e, c- testar a consistência dos subgrupos (famílias, subfamílias) de conulários identificados na literatura, os quais foram reconhecidos através de análises fenéticas.

Para viabilizar essa análise, o estudo cladístico deverá ser realizado a partir de exames morfológicos minuciosos, incluindo não apenas a descrição de feições morfológicas externas, mas também internas da teca de conulários. Adicionalmente, serão realizadas revisões amplas, fundamentadas em coleções nacionais e do exterior, a fim de se reexaminar os espécimes previamente estudados. Isso porque muitos dados morfológicos (e.g., morfologia de arestas; estruturas internas da teca) não são passíveis de resgate, apenas a partir dos dados de literatura. Como um exemplo, pode ser citado o caso dos espécimes estudados por L.E. Babcock e colaboradores, provenientes de amplas coleções, como a da Bolívia e da América do Norte. Esses autores não incluem nas descrições aspectos da morfologia interna (espessamentos internos) da teca dos conulários.

Essas feições poderiam ser úteis no reconhecimento de gêneros e espécies e para traçar as afinidades dos conulários com outros grupos de cnidários (Scyphozoa). Finalmente, cumprir esses objetivos específicos abre a possibilidade de fornecer dados morfológicos para análises mais amplas, que são importantes para a filogenia dos Medusozoa, bem como para uma futura revisão de parte do "Treatise on Invertebrate Paleontology".

1 - Programa de Pós-Graduação em Geologia Sedimentar, IGc, USP

2 - Lab. de Paleozoologia Evolutiva, Depto. de Zoologia, IBB, UNESP, Botucatu

3 - Orientador - Prof. Visitante do Programa de Pós-Graduação em Geologia Sedimentar, IGc, USP
FAPESP - 02/12534-5